



## MEMÓRIA DA CAPOEIRA NA REGIÃO SUL-FLUMINENSE<sup>1</sup>

Álvaro Bergamini Gusmão  
Alvaro Rego Millen Neto  
Marco Antonio Santoro Salvador

### RESUMO

*O objetivo do artigo é iluminar uma versão da história da capoeira na região sul do estado do Rio de Janeiro sob a perspectiva dos responsáveis pela consolidação dos atuais grupos estabelecidos. Para tal, foi realizada uma pesquisa que se estruturou a partir da metodologia da história oral e das teorias sobre memória. As fontes foram constituídas a partir dos relatos de oito mestres de capoeira que atuam na região investigada. Os relatos permitiram iluminar a relevância de um mestre (Henrique) que é pouco lembrado pela memória coletiva dos capoeiristas mais novos. Também foi possível inferir que os mestres que optaram por uma demarcação identitária de raiz, resistindo às influências culturais globalizadas, atualmente têm menos cotas de poder no mercado da capoeira da região.*

PALAVRAS-CHAVE: memória; capoeira; história oral.

### INTRODUÇÃO

O processo de colonização do território que atualmente está demarcado pelas fronteiras do estado-nação conhecido como Brasil foi marcado pela exploração dos recursos naturais, especialmente a extração de minérios e a produção agrícola. Para operar essa exploração os colonizadores portugueses precisaram captar mão-de-obra estrangeira, uma vez que os próprios portugueses não dispunham de força de trabalho, disposta a atravessar o atlântico para assumir esse tipo de ocupação, em número suficiente. Como consequência, o tráfico de escravos africanos passou a figurar como alternativa para o desenvolvimento da colônia e o conseguinte enriquecimento da nação portuguesa (FREYRE, 2004). Ao trazer escravos africanos para o Brasil, os traficantes trouxeram também seus hábitos, crenças e símbolos, suas distintas culturas. Posteriormente, essas culturas vieram a influenciar na constituição da identidade do povo brasileiro, na composição de um novo caldo cultural.

Entre as tantas influências que tivemos das culturas africanas, a capoeira foi uma delas e veio a constituir um instrumento do povo na participação política, desde o tempo da monarquia, e uma manifestação cultural que compõe a identidade do brasileiro (SOARES, 1999). Uma identidade que foi de certa forma reconstruída na década de 1920/30 por membros da elite que tentaram romper com a influência europeia daquele momento. O

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

movimento de esvaziamento dos ideais europeus iniciou um processo que viria a “definir” como identidade brasileira todos os hábitos culturais oriundos do povo. A feijoada, o samba, a capoeira, o mestiço (principalmente branco com o negro), antes desprezados, passaram a ser símbolo nacional na busca de uma “civilização brasileira”, na definição da nação (VIANNA, 1995).

Com o passar dos anos, as transformações gerais ocorridas em nossa sociedade causaram influências que levaram os atores a por em cheque e/ou redefinir algumas características da capoeira, o que levou à construção de novas identidades para essa manifestação cultural. O crescente desenvolvimento do capitalismo resultou em uma reestruturação das relações políticas, sociais e econômicas (ABIB, 2004). A discussão entre capoeiristas da modalidade angola e os representantes da capoeira regional ilustra bem essa afirmação. Almeida, Bartholo e Soares (2007) consideram que o debate entre essas duas modalidades define duas identidades diferentes para um mesmo fim. Ambas as identidades estão associadas ao mercado. Segundo os autores,

[...] temos posto o debate de identidades contrapostas: aqueles que objetivavam uma maior organização e legitimidade da capoeira pelo sistema esportivo e pela sociedade e, em contraposição, aqueles que invocam o discurso de resgate da capoeira “original”, da antiga técnica corporal criada pelos escravos. Se os primeiros buscam a legitimidade na expansão e criação de novos mercados para um produto que se valoriza não apenas internamente no Brasil, como também no exterior, os segundos capitalizam o discurso identitário de serem representantes / praticantes da “verdadeira capoeira”. Todavia, a “verdadeira capoeira” também é um discurso presente no campo dessa prática corporal, que passa a ser uma moeda no mercado, tanto é assim que muitos daqueles que saíram de Caxias [tradicional roda de capoeira na cidade do Rio de Janeiro] foram dar aulas e abrir academias no exterior – Estados Unidos e Europa – em nome da “verdadeira capoeira” (P. 128).

Assim, diferentes discursos identitários marcam uma disputa por dominação do espaço de atuação (mercado), e a busca por consolidação de suas atividades resulta em conflitos no interior do universo capoeirista. Tradicionalmente, na capoeira, as narrativas se mantêm vivas através de relatos de mestres antigos que, de alguma forma, implicam na constituição da memória coletiva dos atores envolvidos. Essa memória não reflete o passado de modo neutro e imparcial. De acordo com Pollak (1992), a memória narra fatos que todos viveram juntos, mas, ao narrar, reconstrói diferentes fatos vividos, pois um narrador conta a história em partes, e o momento em que conta influencia na história.

Santoro e Soares (2009) nos fornecem um exemplo – a memória da participação brasileira na Copa do Mundo de futebol de 1970 – em que elucidam como a memória é construída de acordo com as subjetividades e os interesses pessoais dos narradores. Para tal,

esses autores mostraram que as matérias jornalísticas publicadas na década de 1970, período em que ocorreu o evento, destacavam o treinamento e a força física dos jogadores. Já as matérias publicadas na década de 2000 destacam o talento e a habilidade plástica do selecionado brasileiro que participou da copa de 1970. Isso mostra como os diferentes contextos geram diferentes subjetividades e interesses. Ainda em acordo com Pollak (1992), “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, [...] a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (p. 5). No território da capoeira, o debate entre seguidores de mestres consagrados, como Mestre Bimba e Mestre Pastinha, partem de diferentes perspectivas identitárias, com interesses e subjetividades próprios, e acabam por iluminar aspectos característicos na memória coletiva.

Além dos resgates que ficam impressos na memória coletiva, os esquecimentos também são importantes para a compreensão do que subjaz à memória. Determinados interesses e subjetividades se fazem valer em detrimento de outros que são esquecidos. Foram os traços de memórias e esquecimentos dos capoeiras, e do entorno deles, da região sul do estado do Rio de Janeiro que geraram o interesse por este artigo. A memória coletiva sobre os mestres de capoeira e seus respectivos papéis na consolidação dessa prática cultural na referida região constitui nosso objeto.

A memória da capoeira na região sul do estado do Rio de Janeiro ilumina a figura de um mestre em específico, conhecido como Boa Viagem. Esse mestre, falecido em acidente de trânsito no início da década de 2000, é lembrado por muitos como o precursor da capoeira na região. Boa Viagem é imigrante nordestino e teria "trazido" a capoeira da Bahia para a região sul-fluminense, na década de 1970. Particularmente, para o presente estudo, não nos coube confirmar ou negar essa versão. A participação do mestre Boa Viagem na consolidação, no crescimento da oferta e na divulgação da capoeira na região é pública, notória e faz parte da memória coletiva. Seu nome – de capoeira – tem espaço importante na região e inclusive está formalmente homenageado pelo poder público. Com o decreto 10.194, do município de Volta Redonda, o Centro de Artes Marciais do Estádio da Cidadania passou a ser denominado Mestre Boa Viagem. O foco do presente estudo se desloca das lembranças para os esquecimentos presentes na memória coletiva. Talvez a forte presença do papel exercido pelo mestre Boa Viagem tenha colocado na penumbra outros personagens relevantes para a história da capoeira na região.

Este próprio trabalho teve como ponto de partida a história de vida do mestre Boa

Viagem. Acabamos por mudar o formato da pesquisa em função das dificuldades de entrada em campo. As rivalidades entre os grupos de capoeira os tornaram, em alguma medida, resistentes à presença de pessoas externas, de tal modo que as fontes se tornaram improváveis. A dificuldade em obter informações nos levou a procurar outros mestres antigos da capoeira sul-fluminense, o que acabou por iluminar outros aspectos da história dessa capoeira. Desse modo, tomando os capoeiristas como objeto de investigação historiográfica, o estudo direciona seu foco para a capoeira enquanto prática cultural brasileira e retrata, através da história de alguns de seus mestres, os meandros de sua consolidação na região sul do estado do Rio de Janeiro, especialmente nos municípios de Volta Redonda e Barra Mansa. Trata-se de um universo de mais de 10 grupos de capoeira atuantes em academias, escolas, projetos sociais e praças de bairros.

## METODOLOGIA

Em decorrência da escassez de fontes escritas<sup>2</sup>, a pesquisa se concentrou nas informações fornecidas pelos mestres de capoeira mais antigos que atuam ou atuaram nos municípios de Volta Redonda e Barra Mansa. Sob a metodologia da história oral, foram realizadas entrevistas, com oito desses mestres, que constituíram as fontes para a construção do relato historiográfico. As entrevistas foram direcionadas por um roteiro semi-estruturado, filmadas em um estúdio de gravação e posteriormente transcritas. O material das filmagens também serviu para a construção de um pequeno vídeo documentário com a finalidade de ser utilizado como material didático para as escolas da região.

Freitas (2006) define história oral como uma prática que consiste em recorrer aos personagens vivos para contar a história presente em suas memórias. Portanto, as parcialidades e as subjetividades presentes na memória dos entrevistados são limites a serem observados na constituição das fontes. Limites esses que também estão impressos nas fontes escritas. Afinal, mesmo que não tenham sido processados pela memória, os documentos escritos também são a expressão de determinados interesses e parcialidades. Nesse sentido, o texto não assume a intenção de constituir uma história total ou a verdadeira história da capoeira. Antes disso, pretendemos produzir um dos possíveis registros historiográficos da capoeira na região estudada, a fim de enriquecer, ou mesmo iniciar o debate sobre a história da capoeira de Volta Redonda e Barra Mansa.

---

<sup>2</sup> As poucas fontes escritas foram constituídas por arquivos pessoais dos mestres – um diário profissional e algumas reportagens publicadas em periódicos da região. Infelizmente não tivemos acesso aos arquivos completos desses periódicos, para uma consulta pormenorizada.

## A CAPOEIRA EM VOLTA REDONDA E BARRA MANSA

Nesta seção exploramos as perspectivas que permeiam a história da capoeira nos municípios de Volta Redonda e de Barra Mansa. Como as fontes consultadas apontaram para forte presença de um mestre em específico – o mestre Henrique – na formação de todos os outros mestres entrevistados, iniciamos o relato com uma breve descrição da história desse capoeirista.

### Mestre Henrique

Criado na fazenda Felício Moreira em Santo Inácio – município de Valença, Rio de Janeiro –, Henrique Gonçalves dos Santos, mestre Henrique, aos dezoito anos deu baixa do quartel e foi para a cidade do Rio de Janeiro morar com um irmão em busca de emprego. Esse irmão, Carlos – capoeirista conhecido como Veludo –, levou-o para treinar capoeira na academia Bonfim, em Olaria, com mestre Travasso e mestre Artur Emídio. Destacamos que, segundo Nestor Capoeira (2006), a capoeira no Rio de Janeiro foi praticamente extinta pela repressão policial, voltando a ser praticada com consistência, por essas terras, somente nas décadas de 1950 e 1960, época em que mestre Henrique ingressou como aluno da modalidade. Esse recrudescimento da capoeira permitiu que seus mestres passassem a ganhar a vida com o trabalho de capoeira.

Por volta de 1967, mestre Henrique se vê obrigado a voltar para Valença para ficar mais próximo de seu pai que sofria com problemas de coração. Em sua terra natal, desempregado e cuidando de seu pai, mestre Henrique enxerga na capoeira uma fonte de renda. De acordo com ele, a população de Valença da época não conhecia a capoeira, o que tornava o seu conhecimento valorizado. Com seus objetivos traçados, sua iniciativa foi procurar o presidente do Clube Barroso – Senhor Nantin. Em outubro de 1967, Senhor Nantin concedeu-lhe a oportunidade de ensinar a capoeira trazida do Rio de Janeiro. Em fevereiro do ano seguinte, mestre Henrique vislumbrou a possibilidade de divulgar seu trabalho através da criação de uma ala de capoeira na escola de samba do mesmo clube. O sucesso desse empreendimento despertou o interesse de muitos alunos e ali nasceu o primeiro grupo de capoeira da região sul-fluminense, o Grupo Valenciano de Capoeira.

### A consolidação da prática da capoeira em Volta Redonda e Barra Mansa

Com seu casamento em vista, em 1973, mestre Henrique foi trabalhar na FORNASA –

fábrica de tubos, na cidade de Volta Redonda – deixando a cidade de Valença. Os primeiros mestres formados pelo grupo de capoeira do mestre Henrique herdaram o legado deste e passaram a conduzir a prática da capoeira no município de Valença. Os mestres Jorge, Zé Maria, Dinho, Caléu e Edgar, segundo mestre Henrique, são os responsáveis por coordenar e formar as novas gerações de capoeiristas daquela cidade até o presente momento.

Como era de costume, nas suas horas de lazer mestre Henrique se sentava em frente à sua casa e iniciava os toques característicos da capoeira em seu berimbau. Segundo ele, as crianças o cercavam e se divertiam ao som do instrumento, brincando de capoeira sob sua orientação. No final de 1973, quando mestre Henrique gozava do seu lazer rotineiro, o então presidente do Aero Clube de Volta Redonda – conhecido como Zé Botina – fez-lhe o convite para ensinar capoeira em seu clube. De acordo com as observações do mestre, nesse município também não havia capoeira até sua chegada. Após um ano de trabalho, mestre Henrique muda seu local de treinamento para a sede do bairro Eucaliptal, onde ensinou capoeira por oito anos. Nesse novo local de trabalho, mestre Henrique concedeu aos seus primeiros alunos o título de mestre de capoeira.

A capoeira para mestre Henrique não foi a fonte principal de seus recursos. A origem social de seus alunos o impedia de estabelecer uma meta fixa de pagamento para suas aulas, deixando a encargo das possibilidades desses a designação de quanto poderiam retribuir financeiramente pelos serviços prestados pelo seu mestre. Nem sempre os ganhos mensais oriundos das aulas de capoeira serviam para cobrir os gastos de mestre Henrique. Por esta razão, ele dividia as obrigações com seus alunos com outros trabalhos nas fábricas e indústrias, a fim de compor sua renda mensal. Outra alternativa para obter recursos financeiros com a capoeira se deu através de apresentações em festas. Ele organizava grandes rodas de capoeira e cobrava uma taxa para se apresentar em festas da região.

#### A capoeira após mestre Henrique

Por volta de 1987/1988, mestre Henrique se afasta da capoeira por motivos pessoais, deixando seus alunos mestres no comando da capoeira nos municípios de Volta Redonda e de Barra Mansa. De acordo com mestre Evanil, esses mestres alugaram o Clube Sete de Setembro, no bairro 208, para darem prosseguimento aos treinamentos com uma certa liderança dos mestres Renatinho e Gomes. O ímpeto desses novos mestres capoeiristas deu origem ao grupo de capoeira de Volta Redonda. Vale destacar que nesse momento os ex-alunos de Henrique, mestres e professores, tinham o objetivo de treinarem juntos, sem a

intenção de receberem qualquer forma de remuneração com a capoeira. Eles também responsabilizavam-se pelo custeio do aluguel do clube a partir das suas rendas obtidas em empregos sazonais, em geral, na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A maior parte dos mestres formados por mestre Henrique trabalhava em outras áreas – à exceção de mestre Evanil, que dedicou sua vida à capoeira, de onde retira até hoje seu sustento. Após dois anos de treinamento no Clube Sete de Setembro começaram a surgir dificuldades para pagar o aluguel do clube. Assim, somado a grande procura de novos alunos, iniciou-se a cobrança de mensalidades. Em entrevista, mestre Evanil afirma que nesse momento começou a surgir tensões e desentendimentos entre os mestres, motivados por interesses financeiros e contradições ideológicas. Esse marco é importante na história da capoeira da região, porque a partir daí houve cisões e cada um dos mestres formou seu próprio grupo de capoeira.

## OS GRUPOS DE CAPOEIRA DE VOLTA REDONDA E BARRA MANSA

### Associação de Capoeira Palmares

Com o fim dos treinamentos no Clube Sete de Setembro, mestre Gomes se uniu ao mestre Branco e os dois formaram a Associação de Capoeira Palmares. O grupo Palmares teve mais força no município de Barra Mansa. Na década de 1990, mestre Branco se desvincula do grupo Palmares para começar a treinar no grupo Senzala<sup>3</sup>. Mestre Gomes então se afasta definitivamente da capoeira, decepcionado com o amigo que, sob a sua percepção, traiu o ideal de preservar as origens da capoeira de Volta Redonda e Barra Mansa, a capoeira aprendida com mestre Henrique. Segundo Almeida, Bartholo e Soares (2007), a visão romântica e o discurso da preservação cultural são muito característicos na capoeira. Através desse discurso, mesmo sem intencionalidade, os narradores acabam por produzir o que os autores chamam de “propagandas convencionais” para a capoeira, uma vez que nesse caso os narradores são os próprios atores.

Após o afastamento de mestre Gomes, o grupo Palmares fica enfraquecido na região, uma vez que não há a liderança de um mestre representando-os. Por esse motivo, cada um seguiu com seus próprios trabalhos, mesmo que sem expressão no cenário da capoeira da região. Mestre Thomás – aluno de mestre Henrique e irmão de mestre Gomes – reiniciou o trabalho com o grupo Palmares, agora no município de Pinheiral, onde até hoje mantém o grupo.

---

<sup>3</sup> Grupo de expressão nacional à época liderado pelo mestre Peixinho e Mestre Camisa.

## Associação Cultural Escola Brasileira de Capoeira

Também formado por Henrique, mestre Evanil foi ensinar capoeira no município de Cruzeiro, localizado no leste paulista. Lá ele formou o Grupo de Capoeira Escravo. E, em 1992, após seu retorno a Volta Redonda, mestre Evanil associou-se ao capoeirista Marinheiro e criou a Associação Cultural Escola Brasileira de Capoeira. Marinheiro, quando emigrou da capital do estado para trabalhar em Volta Redonda, já era graduado como professor de capoeira do recém-criado grupo Abadá-Capoeira<sup>4</sup>. De certa forma, essa experiência contribuiu na definição do estilo de jogo e do ideal do grupo de mestre Evanil. Tal grupo, Escola Brasileira de Capoeira, é de grande expressão no cenário da capoeira de Volta Redonda e, até hoje, mantém um trabalho no município. No final da década de 1990 há o desligamento de Marinheiro do grupo, pois teve que se mudar para São Paulo a trabalho.

Em meados de 2009, mestre Evanil passou a adotar a capoeira angola como estratégia de trabalho e vem construindo uma nova identidade para o seu grupo. De acordo com ele, após uma releitura da atual situação da capoeira na região, ficou mais perceptível uma tendência para a diminuição do número de praticantes da capoeira regional. Em paralelo a essa diminuição, um novo público estaria se aproximando da capoeira. Formado em boa parte por jovens universitários, esse público se identificaria com os discursos da capoeira angola por se tratar de uma prática de raiz, supostamente livre das influências e dos transplantes culturais operados pelo fenômeno da globalização. A capoeira angola, nesse aspecto, seria uma forma de resistência cultural mais legítima, por se tratar da “verdadeira” capoeira.

Mestre Evanil tem o hábito de registrar as suas atividades em uma espécie de diário profissional. Através da análise desse documento, nota-se que seus ideais sobre a capoeira foram se reconstruindo com o passar dos anos. A ideia de trabalhar com a capoeira angola, contudo, parece ser uma antiga companheira. Em uma passagem escrita na década de 1970, referindo-se aos treinos, ainda ministrados por mestre Henrique no bairro Eucaliptal, o então aluno Evanil relata que se dependesse de sua vontade só treinaria capoeira angola. Desejo que não era compartilhado pela maioria dos outros capoeiras, que preferiam o jogo corrido de regional.

## Grupo Angola Nagô

O Grupo Angola Nagô foi fundado pelo mestre Boa Viagem e pelo mestre Luiz. De acordo com mestre Henrique, Boa Viagem foi seu aluno, mas não alcançou graduação de

---

<sup>4</sup> Trata-se também de um grupo de capoeira com expressão nacional, possivelmente o maior e mais estruturado entre todos em atuação.

mestre em sua academia, e sim fazendo banca<sup>5</sup> na Federação de Pugilismo. Ainda na década de 1990, mestre Luiz se desliga do grupo Angola Nagô e passa para a Escola Brasileira de Capoeira, de mestre Evanil. O Angola Nagô foi o grupo de maior visibilidade da região estudada entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Nesse momento de ampla estabilidade e reconhecimento, mestre Boa Viagem decidiu se associar ao então maior grupo de capoeira do mundo, o grupo Abadá-Capoeira.

A opção por associar-se ao grupo Abadá gerou tensões com outros mestres da região, sobretudo com os mestres formados por mestre Henrique. O próprio mestre Henrique afirma ser contrário à associação dos capoeiras locais com os grupos originários de outras regiões. Em sua concepção, a região sul-fluminense deve ser dominada por capoeiristas da região – mantendo uma tradição iniciada por ele. As críticas à associação do mestre Boa Viagem com o Abadá-Capoeira fomentaram uma rivalidade que, em algum grau, permanece até os dias atuais, distanciando os capoeiristas do grupo Abadá dos de outros grupos locais. Além disso, ao se associar ao Abadá-Capoeira, mestre Boa Viagem passou por momentos difíceis. Para se adaptar ao novo sistema de treinamento teve que ir semanalmente à cidade do Rio de Janeiro treinar com mestre Camisa – líder do grupo Abadá – e seus alunos mais antigos. Além da exigência de estar presente em eventos organizados pelo grupo, como batizados e campeonatos. Isto somado ao fato de que, com essa nova empreitada, sua graduação foi revista, de mestre passou a professor – no Abadá-Capoeira um corda roxa. Outrossim, a presença do grupo Abadá gerou transformações identitárias na capoeira da região. Com a considerável influência de mestre Camisa desenvolve-se uma prática mais organizada e eficiente no mercado da capoeira em Volta Redonda e Barra Mansa. De certa forma, cada “clientela” influencia nos códigos, rituais, valores que identificam e caracterizam a capoeira da região.

#### Grupo de capoeira mestra Cigana

Mestra Cigana foi discípula de mestre Canjiquinha da Bahia e, por volta de 1987 chegou a Volta Redonda e iniciou um trabalho no bairro Vila Mury. No entanto, o local em que seu trabalho alcançou maior visibilidade foi o Espaço Cultural Memorial Zumbi, na Vila Santa Cecília, bairro da região central de Volta Redonda. Cigana foi responsável por trazer mestre Canjiquinha para oferecer cursos para os capoeiristas da região, mais especificamente

---

<sup>5</sup> No final de década de 1980 e início da década de 1990, capoeiristas recorriam a uma banca examinadora composta por mestres antigos, ligados à Federação de Pugilismo (federação responsável pela capoeira na época), para receberem o título de mestre.

para o grupo do mestre Boa Viagem. Ela foi presidente da Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro, e hoje preside a Federação Brasileira de Capoeira, divulgando a federação na região. Mestre Cigana também concorreu para mudar a ótica organizacional da capoeira desses municípios.

A continuidade de seu grupo está hoje nas mãos de seus alunos, mais especificamente de sua aluna contra-mestre Arara. Atualmente a prática profissional da mestra Cigana se concentra no gerenciamento da federação que preside e em cursos que tratam da história da capoeira e de seus princípios básicos, que ministra quando convidada por grupos em todo Brasil.

#### Grupo guerreiros da Água Limpa

O grupo Guerreiros da Água Limpa foi fundado por mestre Pedrão ainda no tempo em que mestre Henrique era atuante na capoeira. Todavia, Pedrão nunca deixou de treinar com mestre Henrique. Seu grupo marcou território no bairro Água Limpa e, além da capoeira, trabalhava com outras atividades ligadas à cultura afro-brasileira. Atividades essas que foram ganhando mais dedicação de seu tempo, ao passo que seu grupo de capoeira foi se enfraquecendo com o passar dos anos. Outros mestres, em entrevista, afirmam que mestre Pedrão, por questões ideológicas, não aceitava dar treinos de capoeira em academias ou em projetos ligados à prefeitura. Mestre Pedrão afirma que nunca venderia seus conhecimentos em um espaço de prática de modismo como as academias. Assim, a sua prática como mestre de capoeira hoje se resume a algumas aparições ou participações em eventos organizados por mestres da região.

#### Grupo Raiz Negra

O grupo Raiz Negra foi fundado por mestre Clóvis no bairro Conforto. Mestre Clóvis especializou-se no trabalho com a capoeira angola que aprendeu ao visitar alguns grupos desse estilo de jogo na cidade do Rio de Janeiro. Segundo mestre Clovis, a capoeira de Volta Redonda não se desenvolveu como se desejava por que não teve o apoio merecido das autoridades públicas da cidade. Mestre Clovis critica a influência que a capoeira sofre do modelo capitalista de sociedade que, em sua percepção, foi reafirmado, em Volta Redonda e Barra Mansa, com a chegada de grupos como o Abadá e o Senzala. Para mestre Clovis, o mestre Boa Viagem teria se rendido ao filiar-se a um grupo como o Abadá. Por isso, se define angoleiro e diz estar jogando a “verdadeira capoeira” de raiz, pura e livre das influências

capitalistas. Segundo outros mestres entrevistados, essa ideologia anticapitalista “freou” mestre Clovis que, por não acompanhar as transformações ocorridas no cenário da capoeira, ficou isolado e seu trabalho definhou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fontes consultadas permitem considerar que o trabalho com a capoeira desenvolvido por mestre Henrique na região sul-fluminense foi desbravador e de importância significativa para constituição do cenário atual dessa manifestação cultural em Volta Redonda e Barra Mansa. Pode-se dizer que, de acordo com os oito relatos coletados pela presente investigação, mestre Henrique foi o primeiro mestre a ensinar capoeira de forma institucionalizada na região. E, por conseguinte, os atuais mestres de capoeira de Volta Redonda e Barra Mansa têm alguma ligação com o antigo grupo Valenciano de Capoeira. Os grupos que se mantêm no cenário da capoeira da região são: a Escola Brasileira de Capoeira de mestre Evanil (ex-aluno de mestre Henrique); a Associação de Capoeira Palmares de mestre Branco e mestre Gomes, hoje comandado por mestre Thomas (todos ex-alunos de mestre Henrique); Abadá-Capoeira, trazido para a região por Boa Viagem (ex-aluno de mestre Henrique); Grupo Senzala, hoje representado pelo professor Tatu de Barra Mansa (ex-aluno de mestre Gomes que foi aluno de mestre Henrique); grupo Capoeiraço de mestre Eder (ex-aluno de Neném que foi aluno de mestre Henrique).

Também pôde-se notar que os mestres que mantêm um discurso por uma demarcação identitária de raiz, que defendem a manutenção do estilo de jogo e de organização de mestre Henrique, ou ainda que defendem uma visão de sociedade ou uma ideologia anticapitalista, não se adaptaram e/ou resistiram às modificações ocorridas na capoeira e, por consequência, atualmente detém menos cotas de poder no cenário da capoeira da região – como é o caso dos mestres Clóvis, Pedrão, Gomes e o próprio mestre Henrique.

## MEMORY OF CAPOEIRA IN RIO DE JANEIRO SOUTH REGION

### ABSTRACT

*The aim of the paper is to illuminate a version of the history of capoeira in the southern state of Rio de Janeiro from the perspective of the responsible for the consolidation of existing established groups. To this end, we performed a research that was structured based on the methodology of oral history and theories about memory. The sources were made from the accounts of eight capoeira masters working in the region investigated. The reports allowed illuminate the importance of a teacher (Henrique) that is little remembered by the collective memory of the younger capoeiristas. It was also possible to infer that the teachers who opted for a demarcation of root identity, resisting cultural influences globalized currently have less*

*power in the capoeira market of the region.*

KEYWORDS: memory; capoeira; oral history.

## MEMORIA DE CAPOEIRA EN RIO DE JANEIRO REGION SUR

### RESUMEN

*El objetivo de este trabajo es poner de manifiesto una versión de la historia de la capoeira en el sureño de Río de Janeiro desde el punto de vista de los responsables de la consolidación de los grupos establecidos. Para ello, se realizó una investigación sobre la base de la historia oral y las teorías sobre memoria. Las fuentes se hicieron a partir de las cuentas de ocho maestros de capoeira de la región. Los informes permiten iluminar la importancia de un maestro (Henrique) poco recordada por la memoria colectiva de los capoeiristas más jóvenes. También es posible inferir que los maestros que optaron por una demarcación de identidad de raíz, resistiendo las influencias culturales globalizadas actualmente tienen menos cuotas de poder en el mercado de la capoeira en la región.*

PALABRAS CLAVES: memoria; capoeira; historia oral.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, P.R.J. *Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. 2004. 172 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- ALMEIDA, Juliana Azevedo; TAVARES, Otávio; SOARES, Antonio Jorge Golçalves. Discursos Identitários da Capoeira na Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE). *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas v.30, nº 1, p. 131-185. Espírito Santo. 2008.
- ALMEIDA, Marcelo N.; BARTHOLLO, Tiago L.; SOARES, Antonio J. Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. *Rev. Port. Cien. Desp.* [online]. Vol.7, 2007.
- CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FREITAS, Sonia Maria de. *História oral: procedimentos e possibilidades*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *A Memória da Copa de 70: Esquecimentos e Lembranças do Futebol na Construção da Identidade Nacional*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial 1850 – 1890*. Rio de Janeiro: Access, 1999.
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2007.